



UEM - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO

SUZANE BARRETTO DIAS PETRUCCI

**ANÁLISE DE ALGUMAS ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
VEICULADAS PELO JORNAL “LETRA A”**

Maringá
2011

SUZANE BARRETTO DIAS PETRUCCI

**ANÁLISE DE ALGUMAS ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA
DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO VEICULADAS PELO
JORNAL “LETRA A”**

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de trabalho de Conclusão de Curso TCC, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, orientado pela Prof^a Dr^a Maria Angélica Olivo Francisco Lucas.

Maringá
2011

SUZANE BARRETTO DIAS PETRUCCI

**ANÁLISE DE ALGUMAS ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
VEICULADAS PELO JORNAL “LETRA A”**

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de trabalho de Conclusão de Curso TCC, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, orientado pela Prof^a Dr^a Maria Angélica Olivo Francisco Lucas.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Maria Angélica Olivo Francisco Lucas (UEM)

Prof^a Dr^a Analete Regina Schelbauer (UEM)

Prof^a Dr^a Maria de Jesus Cano Miranda (UEM)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus três grandes amores:

Meu amado e querido esposo,

Alexander

E minhas doces filhinhas,

Aline e Ana Beatriz

Com certeza vocês também se tornaram pedagogos ao participarem comigo dos tantos trabalhos, projetos e estudos no decorrer destes quatro anos.

Amo vocês!

Agradecimentos

Agradeço em primeiríssimo lugar ao meu **Deus Lindo e Soberano**, o qual me permitiu viver essa fantástica experiência de ser uma acadêmica da Universidade Estadual de Maringá, mesmo quando as circunstâncias diziam não. Obrigada, Senhor!

Ao meu honrado esposo **Alexander**, por me amar, por acreditar em mim e por apoiar em todas as horas!

Aos meus amigos e familiares que muito me incentivaram nesta nova etapa da minha vida. Em especial minha sogra **Doralice** e minha mãe **Raquel** que tanto cooperaram para a realização deste meu sonho. Obrigada, meninas!

A todos meus colegas da turma Pedagogia Manhã 2008 pelos bons momentos que compartilhamos nesses quatro anos. Em especial, **Keilla** e **Cristiane**, amigas para todas as horas, obrigada por aguentarem!

Aos professores dos Departamentos de Teoria e Prática e Fundamentos da Educação pela dedicação e empenho.

À minha querida orientadora professora **Maria Angélica** por compartilhar os seus conhecimentos e experiências em suas aulas, nos eventos do PIBID e pelo empenho e tolerância nas orientações deste trabalho.

Obrigada, professora!

O QUE É LETRAMENTO?

*Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo
quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.*

*São notícias sobre o presidente, o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito, uma lista de compras, recados colados
na geladeira, Um bilhete de amor, Telegramas de parabéns e
cartas de velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos, Sem deixar sua cama,
é rir e chorar, com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um atlas do mundo, sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias, e orientações em bulas de remédios,
Para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo, um mapa no coração do homem,
Um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser.*

(Kate M. Chong)

RESUMO

As questões sobre os métodos utilizados para promover os processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental vem sendo intensamente debatidas, no decorrer das últimas três décadas, por muitos pesquisadores, professores alfabetizadores e demais envolvidos com a educação básica brasileira. Com o objetivo de socializar essas discussões, há vinte anos acompanhadas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais foi criado, em 2005, o periódico “Letra A” - Jornal do Alfabetizador. Suas publicações são trimestrais (quatro exemplares por ano), onde são veiculadas matérias de vários pesquisadores de todo o país sobre questões afetas ao tema alfabetização. Diante da importância o referido centro de pesquisa que desde a sua origem objetivou conhecer as condições nas quais a alfabetização se desenvolve nas escolas públicas brasileiras, contribuindo para a formação de professores e pesquisando sobre os processos de alfabetização e letramento, optamos como Trabalho de Conclusão de Curso, analisar as orientações teórico-metodológicas, acerca dos processos de alfabetização e letramento veiculados pelo Jornal do Alfabetizador, no período entre 2005 e 2010. Portanto, trata-se de uma pesquisa que consistirá em uma análise documental.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Jornal “Letra A”.

ABSTRACT

The questions about the methods used to promote the processes of teaching and learning of reading and writing in the early grades of elementary school is being intensively debated, over the last three decades by many researchers, literacy teachers and others involved with basic education Brazil. In order to socialize these discussions, for twenty years accompanied by the Center for Literacy, Reading and Writing (CEALE) of the Faculty of Education, Federal University of Minas Gerais was created in 2005, the journal "The Letter A" - Journal of the literate. His publications are quarterly (four copies per year), where materials are conveyed by several researchers around the country on issues affecting the issue of literacy. Given the importance of such research center since its inception aimed to know the conditions in which literacy is developed in Brazilian public schools, contributing to teacher training and researching the processes of literacy and literacy, we chose as Work Completion Course, analyze the theoretical and methodological, about the processes of literacy and literacy-borne Journal of literacy in the period between 2005 and 2010. Therefore, it is a survey that will consist of a documentary analysis.

Keywords: Literacy. Literacy. "Letter A' Newspaper.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Universidade Federal de Minas Gerais	23
Figura 2 – Organograma	24
Figura 3 – Jornal Letra A	25
Figura 4 – Quadro 1	27
Figura 5 – Quadro 2	30
Figura 6 – Quadro 3	32
Figura 7 – Quadro 4	35
Figura 8 – Quadro 5	37
Figura 9 – Quadro 6	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CONCEITOS ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	13
2.1 O Conceito de alfabetização	13
2.2 O Conceito de letramento	17
2.3 A relação entre alfabetização e letramento	19
3. ANÁLISE DE ALGUMAS ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO VEICULADAS PELO JORNAL “LETRA A”	22
3.1 O Ceale	22
3.2 O Jornal Letra A	25
3.3 Os autores.....	26
3.4 Apresentação e análise dos dados	28
3.4.1 Compreensão e valorização da cultura escrita	29
3.4.2 Apropriação do sistema de escrita.....	31
3.4.3 Leitura.....	34
3.4.4 Produção escrita.....	37
3.4.5 Desenvolvimento da oralidade	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se caracteriza em uma análise bibliográfica e documental, de caráter qualitativo e tem por objetivo analisar algumas orientações teórico-metodológicas abordadas nas reportagens publicadas no *Jornal Letra A – O Jornal do Alfabetizador* no período de 2005 a 2010, fonte primária desta pesquisa. A fim de contribuir na melhoria da qualidade das práticas pedagógicas do professor alfabetizador em sala de aula, bem como, divulgar este riquíssimo instrumento de formação continuada que há seis anos realiza um trabalho social com a comunidade escolar em todo o país.

O *Jornal Letra A – O Jornal do Alfabetizador* é uma publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) e fonte primária desta pesquisa. Nele foram coletados dados publicados nas matérias da sessão “Em Destaque” umas das doze sessões que compõe o jornal, no período de 2005 a 2010. A sessão “Em Destaque” foi escolhida por ser responsável pela principal notícia do jornal. Em torno do seu tema é que as demais sessões são organizadas.

Ao longo dos anos da graduação em pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), foram realizados vários estudos pertinentes à formação de docentes em nível superior. Estudos estes vinculados às áreas da Filosofia; História; Sociologia; Metodologia de Pesquisa; e os que são específicos da área da educação como: Prática de Ensino; Didática; Metodologias de matemática, português, ciências, geografia e história; Fundamentos da Educação; Políticas Públicas para Educação e Alfabetização e Letramento.

Contudo, de todas as que disciplinas cursadas, houve um estreitamento maior com a de Alfabetização e Letramento, talvez por influência do Programa Institucional com Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID-Pedagogia) realizado em escolas municipais na cidade de Maringá, no qual participei no período de um ano. Este projeto era organizado e supervisionado pela Professora Doutora Maria Angélica Olivo Francisco Lucas, a qual me apresentou o *Jornal Letra A – O Jornal do Alfabetizador* e me orientou neste trabalho de conclusão de curso. As leituras realizadas nas disciplinas cujo conteúdo estava relacionado ao tema deste projeto de TCC, durante a graduação, concomitante aos estudos sobre alfabetização e letramento realizados nos encontros semanais do Programa Institucional com Bolsa

de Iniciação a Docência (PIBID-Pedagogia) e a observação e participação em práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras de duas escolas municipais que participam do referido projeto, ao longo dos anos de 2010 e 2011, foram decisivos na delimitação do tema ora apresentado e justificam sua realização.

A decisão em pesquisar as orientações teórico-metodológicas publicadas no Jornal Letra “A” ocorreu pela riqueza de informações encontradas na fonte. Tais como, orientações teóricas de pesquisadores, relatos de experiências de professores da rede pública, autores renomados, centros de pesquisas, dados do MEC e de outros órgãos federais que gerenciam a educação no país. No entanto era preciso delimitar-se em apenas uma sessão do jornal para que a pesquisa não tomasse uma dimensão em que dispensasse um tempo maior.

A escolha pela análise da sessão “Em Destaque” ocorreu pela riqueza de informações encontradas na fonte as quais são de grande valia para todos os educadores das séries iniciais do ensino fundamental. Trata-se de informações pautadas em pesquisas e experiências de profissionais da educação tais como, pesquisadores de grandes universidades nacionais, professores da rede pública, autores renomados e centros de pesquisas sobre a alfabetização e letramento.

Diante de tantas informações centradas em um mesmo objeto de pesquisa, foram selecionadas as orientações teórico-metodológicas que traziam em suas entre linhas sugestões de trabalho para o professor de séries iniciais que promovem a alfabetização e letramento. Para tanto, foram utilizados como critérios os cinco eixos norteadores da alfabetização que definem os conhecimentos e capacidades a serem atingidos pelos alunos ao longo do ciclo inicial de alfabetização, os quais são: compreensão e valorização da cultura escrita, apropriação da escrita, leitura, produção da escrita e desenvolvimento da oralidade.

Porém antes de se iniciar a explicitação da pesquisa realizada, serão apresentados primeiramente alguns pontos históricos sobre os conceitos de alfabetização e letramento abordados por vários teóricos da educação e também pautar como estes conceitos são compreendidos pela escola e por professores alfabetizadores.

2. CONCEITOS ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O termo alfabetização ou alfabetizado possui diversas interpretações em nossa sociedade segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa alfabetização significa: 'ação de alfabetizar, de tornar alfabetizado'. (FERREIRA, 2002).

Mortatti (2010, p. 328) define a alfabetização escolar como

[...] processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças – é um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas.

Já para o termo letramento, Soares (2010, p. 39) o define como

[...] o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas funções práticas.

Serão abordadas neste segundo capítulo as discussões teóricas acerca dos processos de alfabetização e letramento no Brasil. Para tanto serão apreciados estudos de vários pesquisadores renomados que se empenham em explicar os fenômenos no que tange a educação.

2.1 O Conceito de Alfabetização

Ao iniciar um estudo sobre a alfabetização é preciso voltar um pouco na história e rever a trajetória do ensino da leitura e escrita desde o final do século XIX, quando houve as primeiras preocupações em sistematizar o ensino dessas habilidades pelo fato de uma nova ordem estar emergindo, a República, e a necessidade de formar um homem que atendesse as necessidades da nação.

Por meio de estudos realizados por Mortatti (2010), é possível compreender o movimento do ensino da leitura e escrita na história da educação brasileira. No

período do Brasil Império, a leitura e a escrita eram ensinadas por meio de aulas-régias, as quais eram privilégios de poucos. A partir da Proclamação da República, a aprendizagem dessas habilidades se tornou necessária a todos os cidadãos. As práticas sociais de leitura e foram escolarizadas e organizadas em espaços públicos de forma sistemática e intencional e ministradas aos republicanos com vistas ao desenvolvimento do país. Segundo Mortatti (2006), com a República, a educação ganhou um novo caráter. Em suas palavras:

Em nosso país, desde o final do século XIX, especialmente com a proclamação da República, a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade. A escola, por sua vez, consolidou-se como lugar necessariamente institucionalizado para o preparo das novas gerações, com vistas a atender aos ideais do Estado republicano, pautado pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social; e a universalização da escola assumiu importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, como principal propulsora do “esclarecimento das massas iletradas”. (MORTATTI, 2006, p.1).

O acesso público à instrução, à cultura letrada, propiciou condições para que os homens modificassem sua forma de pensar, existir e ver o mundo, bem como, as novas formas de se estabelecer relações dos sujeitos entre si, como se um novo mundo se abrisse para eles, diz a autora.

A partir de então, as mudanças no campo da educação foram muitas, mas aprender a ler e escrever continuou a ser visto como condição para o desenvolvimento humano e social. Portanto, a constante busca em encontrar o método de ensino de leitura e escrita mais eficaz teve sua origem com o início da República e se prolongou até meados da década de 1980. Como confirma a autora,

De lá pra cá, saber ler e escrever se tornou o principal índice de medida e testagem da eficiência da escola pública, laica e gratuita. E com diferentes finalidades, de diferentes formas e com diferentes conteúdos, visando a enfrentar as dificuldades das crianças em aprender a ler e escrever, para assim responder mais adequadamente a certas urgências políticas, sociais e educacionais do país, diferentes sujeitos foram atribuindo diferentes sentidos a esse ensino inicial da leitura e escrita. (MORTATTI, 2010, p. 330).

A partir desse momento começaram a ocorrer mudanças na maneira de pensar e conceber a alfabetização, pois os métodos tradicionais já não estavam produzindo os resultados esperados e o fracasso escolar estava instalado. Precisava-se, então, explicar esse fracasso da escola brasileira em ensinar seus alunos a aprender a ler e escrever e fazer uso dessas habilidades, bem como buscar soluções para tal problema. Mortatti (2010, p. 331-332) nos relata as ações implementadas neste sentido:

A fim de buscar respostas a essas necessidades e questionamentos, a partir de então foram engendrados e/ou adotados por pesquisadores brasileiros pelo menos três modelos teóricos principais de explicação para os problemas da alfabetização no Brasil, os quais podem ser denominados, sinteticamente, construtivismo, interacionismo lingüístico e letramento.

O interacionismo lingüístico é definido por Mortatti (2010) como uma proposta pedagógica em que a alfabetização designa o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita, entendidas como atividade discursiva, que depende diretamente das relações de ensino que ocorrem na escola, especialmente entre professor e alunos. Mortatti (2010) diz ainda que a perspectiva interacionista proponha uma forma de compreender como se ensina e se aprende a língua escrita na qual são relacionados os diferentes aspectos envolvidos neste processo discursivo: por que, como, o que, quando, onde, quem, com quem ensinar e aprender a língua escrita.

Com relação ao Letramento, Soares (2010), afirma que é uma palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas. Ela surgiu nos discursos dos especialistas dessas áreas na segunda metade dos anos 80. Entre outras interpretações da palavra letramento, a que mais se aproximou do significado da palavra original inglesa *Literacy* é: resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Segundo Mortatti (2010), o construtivismo é um modelo teórico, apresentado como revolução conceitual, resultado de pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro, orientada por Jean Piaget em Genebra. Tal modelo teórico se propõe a explicar a psicogênese da língua escrita e pretende conhecer como a criança

aprende a ler e escrever para se contrapor as concepções de ensino que se baseavam no ensino centralizado na codificação e decodificação.

Soares (2004) faz algumas críticas a essa valorização da faceta psicológica da alfabetização. De acordo com a autora mencionada, o construtivismo passou a subestimar a natureza do objeto de conhecimento em construção, que é fundamentalmente, um objeto linguístico, quer se considere o sistema alfabético ou ortográfico. A apropriação equivocada da tal perspectiva levou a compreensão de que havia incompatibilidade dos métodos de alfabetização com o novo paradigma conceitual psicogenético, atribuindo uma conotação negativa aos métodos de alfabetização considerados tradicionais. Este quadro contribuiu para a perda da especificidade da alfabetização e o estabelecimento de uma confusão conceitual e dissociação entre este processo e o letramento. Segundo Soares (2004, p. 14),

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

Segundo a referida autora, alfabetização e letramento não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis, ou seja, a alfabetização se desenvolve por meio de práticas sociais de leitura e escrita, nas atividades de letramento e o letramento por sua vez só se desenvolve em um contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, ou seja, em dependência da alfabetização.

Decorre daí a necessidade de compreendermos o processo de letramento, bem como sua relação com o processo de alfabetização, questões que serão tratadas a seguir.

2.2 O Conceito de Letramento

Estamos habituados a compreender a alfabetização como fator primordial para o progresso do indivíduo nos processos de ensino e aprendizagem. Pensar desta forma não está errado, visto que o termo alfabetização está enraizado em nossa cultura, desde o século XIX, antes da república, e que ensinar a ler e escrever, sistematicamente, é uma das principais funções da escola. Contudo, as exigências dos dias atuais apontam para a necessidade de o sujeito dominar não apenas a codificação e decodificação da linguagem escrita, mas também saber fazer uso dessas capacidades socialmente. Retomamos essas considerações discutidas no tópico anterior, a fim de adentrar nas discussões de um novo termo empregado para traduzir, em apenas uma palavra, o conjunto das práticas de leitura e escrita em sociedade pelo indivíduo alfabetizado ou não, o letramento.

A palavra letramento, segundo Kleiman (2008), ainda não está dicionarizada, por não haver ainda um consenso, por parte dos pesquisadores, em sua definição. O que temos no dicionário Aurélio são as palavras: **letrado** e **iletrado**. Letrado significa versado em letras e **iletrado** que não tem conhecimentos literários. **Alfabetismo** é outro termo também utilizado quando se refere às práticas sociais de leitura e escrita e significa o estado ou qualidade de alfabetizado (SOARES, 2010, p. 18). O único dicionário que traz a palavra letramento, mas em forma de verbete¹ foi o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, há mais de um século. Portanto, diante da complexidade do termo, ainda não há uma definição clara, concisa e única.

Segundo estudos de Soares (2010) o termo letramento é uma palavra antiga, cujo significado está relacionado à escrita - aceção de adquirir letras ou conhecimentos literários. Trata-se da tradução da palavra inglesa *literacy*, que no contexto de sua cultura significa,

[...] o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitiva, lingüísticas quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2010, p. 17).

¹ Segundo o dicionário Aurélio, verbete significa: 1 Apontamento, nota. 2 Pequena folha de papel ou cartão em que se faz um apontamento ou nota; ficha. 3 Na organização de um dicionário, enciclopédia ou glossário, cada uma das palavras com suas definições e exemplos.

As primeiras discussões em torno da palavra letramento no Brasil apareceram por volta dos anos 80, simultaneamente a outros países como França, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos. Em nosso país o propósito foi de ampliar os sentidos da alfabetização com ênfase nas práticas sociais de leitura e escrita.

Soares (2004) estabelece um paralelo entre alguns países que naquele momento “inventaram” o letramento para superar a precariedade no domínio das habilidades de leituras demandadas em práticas sociais e profissionais que envolviam a escrita, porém de forma desvinculada das discussões em torno do processo de aquisição da linguagem escrita. Já no Brasil as discussões sobre a invenção letramento e a superação das dificuldades no processo de alfabetização se entrelaçaram.

Pelo fato de que letrar não é uma técnica a ser dominada assim com a alfabetização, mas um processo de caráter contínuo é necessário afirmar que não existe nível zero de letramento, pelo fato de nascermos em uma sociedade grafocêntrica permeada por signos onde quer que estejamos. O que se pode entender é que algumas pessoas desenvolvem seu grau de letramento mais do que outras, dependendo da oportunidade de acesso ao mundo da leitura e escrita. De acordo com as Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização Caderno 2 Alfabetizando/Ceale (BATISTA,2004, p. 13),

Entende-se letramento como o processo de inserção e participação da cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo).

Não existe um sistema próprio para medir o nível de letramento das pessoas. O que há são os censos realizados em domicílio sobre o nível de ensino das famílias brasileiras, tendo como base os anos de escolarização. Sobre essa medição, Soares (2004, p. 7) explica que, ao longo das últimas décadas, os censos ampliaram o conceito de alfabetização em direção ao de letramento:

A partir do conceito de *alfabetizado*, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de *alfabetizado* como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita, ainda que bastante trivial adotado a partir do Censo de 1950; até o momento atual, em que os resultados do Censo têm sido freqüentemente apresentados, sobretudo nos casos das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de *alfabetização funcional* da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

Portanto, os censos apesar de pretenderem medir os índices de alfabetização em nosso país, acabam por verificar o nível de letramento das pessoas. Este quadro, entre outros, revelam que há uma tendência há estabelecer confusão entre os conceitos de alfabetização e letramento, ou até mesmo fusão entre ambos. Essa e outras situações que explicam a relação entre alfabetização e letramento serão tratadas a seguir.

2.3 A relação entre alfabetização e letramento

Tendo esclarecido a especificidade dos conceitos de alfabetização e letramento, neste momento serão abordadas questões acerca da relação entre tais processos.

De acordo com Soares (2004), uma das primeiras produções acadêmicas que associaram os dois fenômenos foi escrita por Tfouni (1988) com o propósito de aproximar os dois fenômenos. Mais tarde a referida autora retoma o tema em seu outro livro “Letramento e Alfabetização” (TFOUNI,1995) para explicar as diferenças entre eles. Logo após outros autores também escreveram sobre o mesmo tema, entre eles: Rojo (1998), Kleiman (1995) e Soares (1998).

Soares (2004) salienta a necessidade de, na atualidade, compreender a aproximação entre os dois fenômenos, diante da necessidade de reinventar a

alfabetização. Segundo a autora a autonomização do processo de alfabetização em relação ao processo de letramento, pode acarretar em uma má interpretação de tais processos. Para ela esse quadro é consequência de equívocos e das falsas inferências decorrentes da concepção cognitivista que, de certa forma, não privilegiava a sistematização do ensino da linguagem escrita e sim na construção de um sistema de representação pela criança, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais. Portanto,

[...] os chamados pré requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança 'pronta' ou 'madura' para ser alfabetizada – pressuposto dos métodos 'tradicionais' de alfabetização – são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto da 'língua escrita' [...] (SOARES, 2004, p. 11)

Contudo, mesmo sendo considerada a especificidade de cada fenômeno, Soares (2004) aponta como causa do atual fracasso da alfabetização nas escolas brasileiras, o fato de que o conceito de alfabetização ser confundido com o de letramento, ocasionando uma fusão no qual prevaleceu o último.

As análises dos censos demográficos exemplificam esta fusão, evidenciada no decorrer dos anos, de acordo com cada censo. Para o de 1940, alfabetizado era aquele que sabia ler e escrever o nome, e posteriormente aquele que além de ler e escrever conseguiria escrever um bilhete simples - prática de leitura e escrita. Para o censo de 1950 até os dias atuais, o alfabetizado era aquele que já possuía alguns anos de escolarização, o que caracterizou o nível de alfabetização funcional da população, de quem já consegue ler, escrever e fazer o uso da leitura e da escrita, aproximando do conceito de letramento. Também a mídia contribui para aproximar, confundir e fundir os dois conceitos na medida em que divulgada os resultados do censo e os comentava.

(...) com o surgimento dos termos letramento e *alfabetização* (ou *alfabetismo*) *funcional*, muitos pesquisadores passaram a preferir distinguir alfabetização e letramento. Passaram a utilizar o termo alfabetização em seu sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza e do funcionamento do sistema de escrita. Passaram, correspondentemente, a reservar os termos letramento ou, em alguns casos, *alfabetismo funcional* para

designar os usos (e as competências de uso) da língua escrita. Outros pesquisadores tendem a preferir utilizar apenas o termo *alfabetização* para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. Nesse caso, quando sentem a necessidade de estabelecer distinções, tendem a utilizar as expressões “aprendizado do sistema de escrita” e “aprendizado da linguagem escrita”. (SOARES, 2004, p. 8)

De acordo com Soares (2004), só é possível recuperar a especificidade da alfabetização se os dois processos se tornarem distintos e politicamente e metodologicamente convenientes. Daí deriva o entendimento de que ambos os processos não precedem um do outro, mas caminham juntos. Em função disso, as propostas teórico-metodológicas do Caderno 2 Alfabetizando (2004, p. 13) elaboradas pelo Ceale consideram que:

(...) a alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. (...) não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; trata-se de alfabetizar letrando. Quando se orienta a ação pedagógica para o letramento, não é necessário, nem recomendável, que, por isso, se descuide do trabalho específico com o sistema de escrita.

Assim, é possível entender que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento.

3. ANÁLISE DE ALGUMAS ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO VEICULADAS PELO JORNAL “LETRA A”

3.1 O Ceale

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), como o nome diz, é um centro de pesquisa que tem por objetivo estudar aspectos relevantes às práticas de alfabetização e letramento em nível nacional.

O Ceale só foi institucionalizado em 1990 após a liberação de recursos financeiros pelo governo federal para construção de sua estrutura física. Antes era apenas idealização de um pequeno grupo de estudos que, desde a década de 80, buscava compreender a causa do fracasso escolar que gerava um grande número de reprovações e provocava evasão escolar. A professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, Magda Soares, naquela época, trabalhava com formação de professores alfabetizadores e percebeu que o cerne do problema não estava na defesa de métodos de alfabetização, os quais eram, naquele momento, foco de discussão. Para ela era preciso investigar como as crianças estavam sendo alfabetizadas nas séries iniciais do então 1º grau.

A primeira ação do grupo foi investigar as produções acadêmicas sobre a alfabetização, oriundas de diversas universidades do país, publicadas desde a década de 50 até aquele momento, 1986. Tal pesquisa contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulada Alfabetização no Brasil: O Estado do Conhecimento (2000), publicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (INEP). Trata-se de uma pesquisa de caráter permanente iniciada em 1986 e desenvolvida pelo Ceale desde 1990, que consiste em levantar e avaliar as teses dos programas de pós-graduação desenvolvidas pelas instituições brasileiras nas áreas da Educação, Letras, Psicologia, Distúrbios da Educação e Artes.

Foi em torno desta pesquisa que o Ceale foi organizado. A professora Francisca Maciel, que já foi diretora do Ceale e está vinculada a pesquisa desde 1987, relata que, neste período, a professora Magda Soares já tinha o desejo de

formar um grupo de estudos que reunisse professores interessados na área de alfabetização. (LANA, 2010, p.06)

E, assim, formou-se o Núcleo de Alfabetização, Leitura e Escrita, embrião do atual Ceale. Antonio Augusto Gomes Batista, pesquisador e ex-diretor do Ceale, disse em entrevista ao Jornal Letra A que “o Ceale nasceu em torno da figura da Magda e cresceu sempre acompanhando a movimentação dela” (LANA, 2010, p. 8).

No ano de 1990 o Núcleo se consolidou como Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, reconhecido como órgão autônomo, embora esteja dentro da estrutura da UFMG. As reuniões se deram durante anos em uma sala da UFMG, até que em um dado momento, com a intervenção da professora Glaura Vasques de Miranda junto ao reitor, foi elaborada uma proposta de construção de um centro de pesquisa que desenvolveria estudos em prol da educação, a qual foi encaminhada à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) que destinava verba à promoção de questões relativas à alfabetização em Brasília. O financiamento foi concedido e em quatro anos o Ceale já funcionava em suas próprias instalações, em um anexo da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais.



Figura 1 – Universidade Federal de Minas Gerais

Fonte: LISBOA, 2011

Atualmente o Ceale atua em diferentes áreas. Seu trabalho é organizado em três eixos: Pesquisa, Documentação e Ação Educacional. Como demonstra o organograma a seguir, esses eixos têm algumas ramificações que se intercomunicam, tais como: Formação Continuada, Avaliação Diagnóstica da Alfabetização, Programas do Livro – MEC, Atividades de extensão: Literatura, Atividade de crítica literária e Eventos.

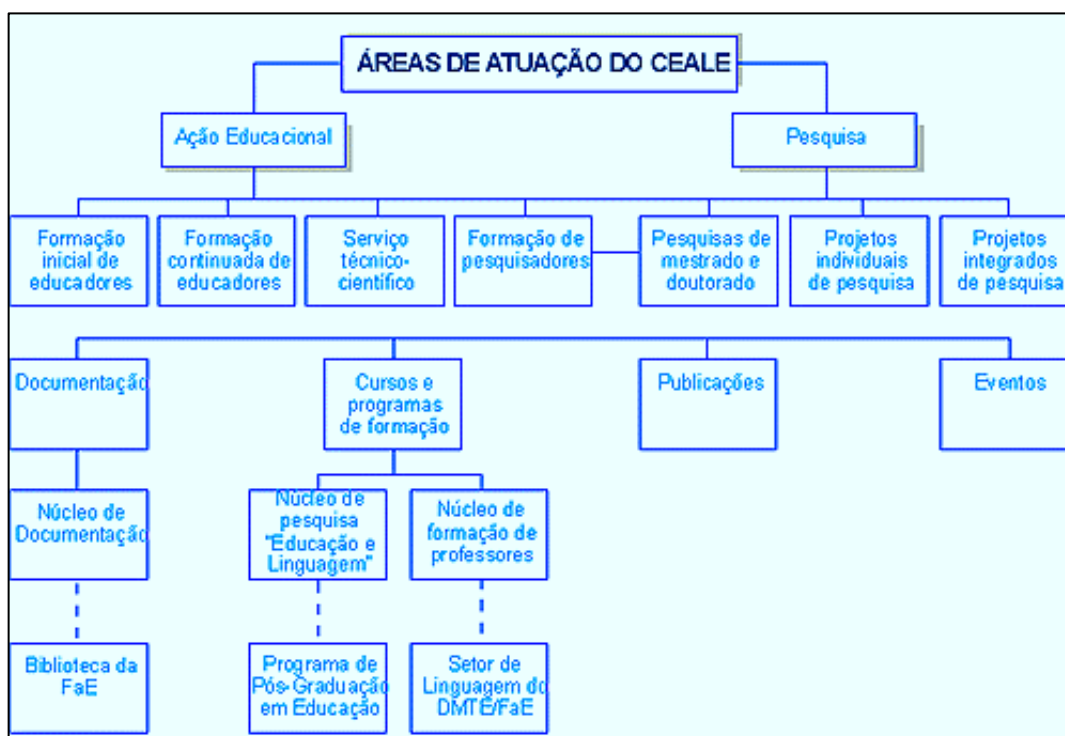


Figura 2 – Organograma

Fonte: Aparecida Paiva

Dentro do eixo Ação Educacional/ Formação Continuada se encontram três publicações de apoio ao professor, para sua formação continuada, são elas: O Ciclo Inicial de Alfabetização, com seis cadernos para a organização do ensino fundamental de nove anos, A Revista Língua Escrita, uma revista eletrônica quadrimestral voltada para a discussão de temas ligados a língua escrita e suas interfaces com a oralidade e o Jornal Letra A, cujo objetivo é divulgar/socializar em território nacional as experiências vividas em sala de aula por professores da Educação Básica e estudos realizados por pesquisadores do Ceale e demais profissionais da educação por meio de entrevistas, reportagens e matérias

relacionadas ao tema alfabetização e letramento. E é com este último instrumento que foi escolhido realizar esta pesquisa.

3.2 O Jornal Letra A

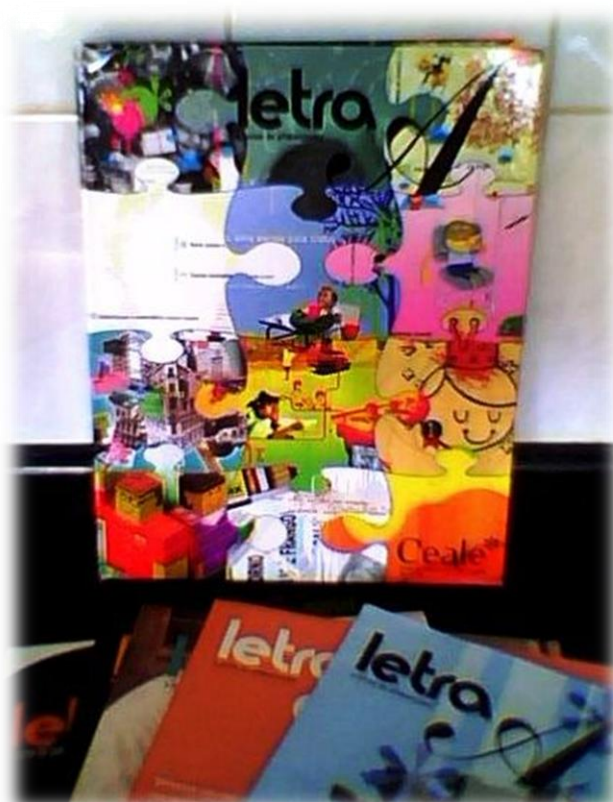


Figura 3 – Jornal Letra A
Fonte: Arquivo pessoal

Este periódico é fruto de muitas pesquisas realizadas no campo da educação, mais especificamente o da alfabetização e letramento. Trata-se de uma ação da Rede Nacional de Centros de Formação Continuada do Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Pensando em contribuir com a formação continuada de professores alfabetizadores e de ensino da língua escrita, em fornecer informações de qualidade a respeito do encaminhamento da prática pedagógica, o Ceale, com a intenção de estreitar os laços entre o conhecimento científico acadêmico e os professores da educação básica, lançou em 2005, o primeiro número do Jornal Letra A, também conhecido como O Jornal do Alfabetizador.

Este periódico tem caráter bimestral, sendo quatro publicações anuais e uma edição especial. Cada exemplar contém dezesseis laudas e se subdivide basicamente em nove sessões: Editorial; O Tema é; Dicionário da Alfabetização; Troca de Idéias, Livro na Roda; Em Destaque; Entrevista; Aula Extra e Perfil. Essas sessões trazem diversas matérias sobre temas atuais no que se refere à educação básica, educação de jovens e adultos e formação de professores. Seus organizadores são professores pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e jornalistas formados nesta mesma instituição que se identificaram com a proposta do jornal.

O jornal conta ainda com um conselho de leitores que discute o periódico a cada edição e propõem matérias. Os encontros do conselho são bimestrais e nele participam a equipe responsável pela organização e produção do jornal, professores alfabetizadores e estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de letras e pedagogia.

A ideia de se produzir um jornal em formato de tabloide foi intencional, e se concretizou após cinco anos de produção jornalística, reunindo os periódicos de 2005 a 2009 em um só livro para facilitar seu armazenamento sem danificar os exemplares. A partir de então, criou-se a expectativa em produzir outros volumes deste material que materializa a trajetória do Ceale.

Tanto este primeiro volume como os demais exemplares podem ser adquiridos por professores alfabetizadores e demais profissionais e instituições envolvidas com a educação, por meio de assinaturas anuais e também está disponível em versão digital no site do Ceale: www.ceale.fae.ufmg.br/publicacoes.php.

3.3 Os Autores

As reportagens da coluna Em Destaque entre 2005 e 2010 foram produzidas por mais de vinte jornalistas, alguns formados em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e que se identificaram com a proposta do periódico e supervisionadas pela editora de jornalismo Sílvia Amélia de Araújo, uma das criadoras do Jornal Letra A e também autora de uma das reportagens. Essa coluna se caracteriza pela riqueza de informações que são apresentadas, todas

extraídas de fontes seguras tais como, pesquisadores, professores da rede pública, autores renomados, dados do MEC e de outros órgãos federais que gerenciam a educação no país.

No quadro abaixo, foi organizado sinteticamente as matérias que cada jornalista produziu nestes cinco anos de publicação do referido periódico na sessão “Em Destaque”.

AUTOR	REPORTAGENS	TÍTULO
Não identificado	No. 01	<ul style="list-style-type: none"> • Como fazer do Brasil um país de leitores;
Fernanda Santos	No. 02 Edição Especial julho/2006	<ul style="list-style-type: none"> • Todo professor pode ensinar, toda criança pode aprender a língua escrita; • Quem são os jovens e adultos que estão sendo alfabetizados?
Naiara Magalhães	No. 02 No. 03 No. 08	<ul style="list-style-type: none"> • Todo professor pode ensinar, toda criança pode aprender a língua escrita; • Conhecer a historia dos métodos de ensino para alfabetizar no presente; • Avaliação para melhorar o ensino;
Conrado Mendes	No. 04	<ul style="list-style-type: none"> • Perfil dos alfabetizadores no Brasil;
Heloísa Alvarenga	No. 04	<ul style="list-style-type: none"> • Perfil dos alfabetizadores no Brasil;
Daniela Mercier	No. 05 No. 10	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças na mesma escola; • Escrever para se aproximar do outro;
Samuel Ferreira	No. 06	<ul style="list-style-type: none"> • Mais tempo para aprender;
Silvia A. Araújo	No. 06	<ul style="list-style-type: none"> • Mais tempo para aprender;
Tereza Rodrigues	No. 08	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos pais na escola;
Cecília Araújo	No. 09	<ul style="list-style-type: none"> • O papel do livro didático na alfabetização;
Lygia Santos	No. 11	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço de aprendizagem permanente;
Regina Barbosa	No. 12	<ul style="list-style-type: none"> • O que fazer após a alfabetização?
Vicente C. Junior	No. 13 Edição Especial junho 2008	<ul style="list-style-type: none"> • Escola do campo: educação de qualidade para todos; • Novo olhar sobre a alfabetização;
Flávia Moraes	No. 14 No. 16	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiros passos; • Compromisso de toda a escola;
Andrea Souza	Edição Especial junho 2008 Edição Especial janeiro 2009	<ul style="list-style-type: none"> • Novo olhar sobre a alfabetização; • Formação em rede – rede em formação;
Igor Lage	No. 15	<ul style="list-style-type: none"> • Qualidade das escolas: é possível fazer a diferença;
Sulamara Moreira	No. 17 No. 19	<ul style="list-style-type: none"> • Reformas ortográficas da língua portuguesa; • Avaliação compra distribuição e uso: a trajetória do livro didático até a sala de aula;
Juliana Afonso	No. 18 No. 19	<ul style="list-style-type: none"> • Aos cinco, aos seis ou aos sete? • Avaliação compra distribuição e uso: a trajetória do livro didático até a sala de aula;
Aline Diniz	No. 20	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar para ensinar;
Juliana Ferreira	No. 21	<ul style="list-style-type: none"> • Um universo de gêneros textuais;
Ana Flávia Oliveira	No. 22 No. 23	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças mais cedo na escola; • O Pensar na Educação
Alisson Paiva	No. 24	<ul style="list-style-type: none"> • Educação diferenciada, um projeto em construção;

Figura 4 – Quadro 1

Este quadro explicita as matérias publicadas no período de 2005 a 2010 e seus respectivos produtores, sendo que algumas delas foram produzidas por mais de um jornalista. Por este motivo é possível encontrar o mesmo título da matéria citado mais que uma vez.

Após as apresentações dos produtores das matérias, agora serão apresentados os dados coletados, bem como, sua respectiva análise.

3.4 Apresentação e Análise dos dados

São muitas as orientações teórico-metodológicas acerca dos processos de alfabetização e letramento, publicadas na sessão Em Destaque. Algumas são apresentadas sob a forma de relato de experiência e outras como sugestões de trabalho. Nesta pesquisa, limitamos a análise das orientações teórico-metodológicas apresentadas sob a forma de sugestão de trabalho, ou seja, aquelas que trazem recomendações de como deve ser a prática pedagógica do professor alfabetizador. Das 27 reportagens publicadas ao longo desses cinco anos, 18 foram selecionadas para o processo de classificação das orientações, pois fazem menção ao encaminhamento metodológico de práticas alfabetizadoras. As demais tratavam de assuntos que envolvem o processo educativo, mas em vertentes distintas, tais como: diversidade cultural, inclusão, gestão, educação de jovens e adultos, formação continuada, avaliação, entre outros temas.

A análise das orientações teórico-metodológicas afetas a alfabetização e letramento utiliza como critério as considerações pertinentes aos processos mencionados abordadas nos cinco eixos relevantes para o ciclo de alfabetização², nos quais encontramos as capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos do primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental: Compreensão e Valorização da Cultura Escrita, Apropriação do Sistema de Escrita, Leitura, Produção de Textos Escritos e Desenvolvimento da Oralidade.

Das matérias selecionadas foram coletadas mais de cinquenta sugestões de trabalho. As primeiras a serem analisadas foram aquelas que sugeriam uma prática docente que favoreça a inserção dos alunos na cultura escrita, bem como a

² Orientações para a organização do ciclo inicial de alfabetização - Caderno 2 – Alfabetizando.

compreensão dos modos de produção e uso da escrita na sociedade, o letramento. Em um segundo momento, foram analisadas as orientações que privilegiam as capacidades de apropriação do sistema de escrita, entre as quais são: compreensão das diferenças entre escrita alfabética e outras formas gráficas, reconhecimento das unidades fonológicas, domínio das convenções gráficas. Já no terceiro momento, foram analisadas as orientações que tratam das capacidades do eixo leitura, por meio as quais os alunos desenvolverão atitudes e disposições favoráveis a leitura. No quarto e quinto momentos foram realizadas as análises das orientações que promovem os desenvolvimento das capacidades do eixo produção escrita e desenvolvimento da oralidade, entre os quais podemos citar algumas em que o aluno desenvolve a capacidade de compreender e valorizar o uso da escrita com diferentes funções, em diferentes gêneros e a capacidade de utilizar a língua falada em diferentes situações.

3.4.1 Compreensão e Valorização da Cultura Escrita

As sugestões de trabalho analisadas no Jornal Letra A que se enquadram no eixo **Compreensão e Valorização da Cultura Escrita** são aquelas em que se sugere explorar intensamente os diferentes gêneros textuais utilizados na sociedade, a fim de inserir o aluno analfabeto no mundo grafocêntrico. De acordo com o Caderno 2 Alfabetizando do Ceale (BATISTA,2004) no eixo Compreensão e Valorização da Cultura Escrita, são apresentadas algumas capacidades que o aluno precisa dominar, necessárias à sua integração no mundo letrado, ou seja, ao processo de letramento. As primeiras orientações de trabalho focalizam a fase inicial da alfabetização, dão mais ênfase às atividades que promovem o letramento.

A seguir, o quadro 1 aponta as capacidades, conhecimentos e atitudes do eixo e a intensidade com que devem ser trabalhadas: “I” significa introduzir o assunto, “T” trabalhar sistematicamente, “R” retomar e “C” consolidar o conteúdo³.

³ Esse mesmo esquema aparece nos demais quadros.

Quadro 1			
Compreensão e valorização da cultura escrita: capacidades, conhecimentos e atitudes			
CAPACIDADES, CONHECIMENTOS E ATITUDES	1º ano	2º ano	3º ano
Conhecer, utilizar e valorizar os modos de produção e de circulação da escrita na sociedade	I/T/C	T/C	T/C
Conhecer os usos e funções sociais da escrita	I/T/C	T/C	T/C
Conhecer usos da escrita na cultura escolar	I/T/C	T	R
Desenvolver capacidades necessárias para o uso da escrita no contexto escolar:	I/T/C	T	R
(i) saber usar objetos de escrita presentes na cultura escolar	I/T/C	T	R
(ii) desenvolver capacidades específicas para escrever	I/T/C	T	R

Figura 5 – Quadro 2

Fonte: BATISTA,2004

Samuel Ferreira e Silvia Amélia de Araujo apontam em suas reportagens a importância do ensino fundamental de nove anos para os alunos que não tiveram a oportunidade de ampliar seu nível de letramento em idade pré-escolar na rede pública de ensino. Segundo os autores, o ensino de nove anos organizado em ciclos permite que o aluno seja alfabetizado e letrado de maneira que seja respeitado o ritmo do seu desenvolvimento intelectual. Dessa forma o aluno terá o período de três anos para aprender a ler e escrever textos com significados. Nas palavras dos autores:

O ideal seria que, nesse primeiro ano do ciclo, as crianças refletissem sobre como a escrita funciona e percebessem que ela representa a cadeia sonora, quer dizer, dominassem o princípio alfabético. O ano seguinte seria para investir seriamente no processo de alfabetização para garantir que todos cheguem ao final lendo e escrevendo com maior facilidade. E no terceiro, os alunos de oito anos ganhariam fluência e ampliariam a capacidade de escrita e compreensão. (FERREIRA; ARAÚJO, 2006, p. 6)

Segundo Ferreira e Araújo (2006), o ideal seria trabalhar com os alunos a organização do sistema de escrita, suas representações e funções sociais no primeiro ano e, no segundo, concentrar esforços na sistematização da escrita.

Flávia Moraes (2008, p. 8) faz, em sua reportagem sobre a educação infantil, algumas considerações acerca da promoção do processo alfabetização para crianças em idade pré-escolar. Defende a inserção da criança no mundo da cultura escrita o quanto antes, para que, posteriormente, no ensino fundamental, ela compreenda e utilize a escrita com função social de forma familiarizada. A pesquisadora do Ceale, Mônica Correia diz:

(...) em primeiro lugar, deve ser reconhecida a importância do acesso à leitura e à escrita. A partir disso, o professor precisa elaborar formas de acesso que respeitem os alunos e os seus potenciais. Desde o berçário, deve ser pensado um plano de intervenção pedagógica para que a criança vá se apropriando dos bens culturais.

Moraes (2008) revela ainda que embora as discussões sobre a importância de se iniciar a alfabetização na com crianças em idade pré-escolar, a maioria das creches e pré-escolas ainda estão vinculadas ao assistencialismo. Magda Soares em entrevista à sessão Em Destaque, diz: “[...] “a criança com 3 ou 4 anos já pode aprender a escrever o nome, trabalhar com o alfabeto, reconhecer as letras, elementos que caracterizam o processo de alfabetização” [...], capacidades que só poderiam ser desenvolvidas no primeiro ano do ensino fundamental.

Como foi visto as orientações acima indicam um trabalho voltado para o letramento concomitante ao trabalho sistematizado com a alfabetização, complementando um ao outro.

3.4.2 Apropriação do Sistema de Escrita

As sugestões de trabalho que envolve o eixo **Apropriação do Sistema de Escrita** são as que promovem o desenvolvimento das capacidades de compreender a diferença entre escrita alfabética e outras formas gráficas, dominar as convenções gráficas entre outras capacidades, conforme mostra o quadro 2 a seguir.

Quadro 2			
Apropriação do sistema de escrita: conhecimentos e capacidades			
CAPACIDADES, CONHECIMENTOS E ATITUDES	1º ano	2º ano	3º ano
Compreender diferenças entre a escrita alfabética e outras formas gráficas	I/T/C	R	R
Dominar convenções gráficas:	I/T/C	R	R
(i) Compreender a orientação e o alinhamento da escrita da língua portuguesa	I/T/C	R	R
(ii) Compreender a função de segmentação dos espaços em branco e da pontuação de final de frase	I/T/C	R	R
Reconhecer unidades fonoaudiológicas como sílabas, rimas, terminações de palavras, etc.	I/T/C	T	R
Conhecer o alfabeto	I/T	T/C	R
(i) Compreender a categorização gráfica e funcional das letras	I/T	T/C	R
(i) Conhecer e utilizar diferentes tipos de letras (de fôrma e cursiva)	I/T	T/C	R
Compreender a natureza alfabética do sistema de escrita	I/T	T/C	R
Dominar as relações entre grafemas e fonemas	I	T/C	T/C
(i) Dominar regularidades ortográficas	I	T/C	T/C
(ii) Dominar irregularidades ortográficas	I	I/T	T/C

Figura 6 – Quadro 3

Fonte: BATISTA, 2004

De acordo com o Caderno 2 Alfabetizando do Ceale (2004), este eixo concentra as capacidades que os alunos precisam adquirir para se apropriar das regras que orientam a leitura e a escrita no sistema alfabético, bem como, a ortografia. A compreensão de tais regras é imprescindível no processo de alfabetização do aluno. Nas reportagens de Fernanda Santos e Naiara Magalhães (2005) encontramos sugestões de trabalho que apontam a necessidade de uma prática pedagógica fundamentada em uma teoria, para que o professor possa escolher sua metodologia e procedimentos eficazes para a promoção da aprendizagem da leitura e escrita de acordo com o perfil da turma, pois existem vários procedimentos para se chegar à compreensão do sistema de escrita. Santos e Magalhães (2005, p. 9) confirmam que:

(...) É preciso ter em conta que, com certas crianças, é necessário trabalhar mais determinadas estratégias do que outras. Alguns meninos e meninas, por exemplo, precisam mais de uma estratégia ligada à decifração, porque decoram as palavras e seus significados, mas não conseguem estabelecer a relação letra/som, que ajuda a ler palavras novas. As abordagens metodológicas, então, não devem ser usadas igualmente para todos os conteúdos, em todas as turmas, e, dentro da mesma turma, com todos os alunos.

Reconhecer que não existem turmas homogêneas é fundamental para que o professor identifique e aceite as dificuldades e limitações de seus alunos, a fim de planejar uma prática que atenda desde o que tem poucas dificuldades até os que não conseguem reconhecer as letras do alfabeto, respeitando a diversidade que há dentro da sala de aula.

Na reportagem de Regina Barbosa (2007, p. 7), são apresentadas questões acerca do que fazer após a alfabetização inicial, ou seja, nos terceiro e quarto anos. Segundo a autora, é preciso diminuir o ritmo e consolidar o que foi apreendido nas séries iniciais, trabalhar mais consistentemente os textos, suas irregularidades e ortografia e a diversidade de gêneros. Segundo a orientação de Martha Lourenço Vieira, pesquisadora do Ceale,

O educador precisa organizar o ensino ao longo do ano, o que ele vai priorizar o que vai ser mais ou menos importante, porque o professor não pode querer resolver tudo de uma vez no ciclo que a criança vai entrar. O letramento é para o resto da vida, não é uma coisa que se resolve num ciclo, num determinado ano escolar, na medida em que a criança vai manifestando o conhecimento que ela tem, o educador vai introduzindo mais dificuldades.

Esta orientação explícita o que o segundo eixo, apropriação do sistema de escrita requer da prática do professor. Maria da Graça Costa Val, pesquisadora do Ceale afirma em entrevista que, “para se chegar à sistematização, um bom caminho é partir do uso da língua, fazer uma reflexão sobre um fato gramatical e só depois chegar à regra”.

Na reportagem de Juliana Afonso (2009) sobre a antecipação da entrada da criança no ensino fundamental, bem como, o que deve ou não ser ensinado a ela. São abordadas várias discussões sobre o direito das crianças de seis anos completos estarem cursando o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos. Para esclarecer possíveis dúvidas, a presidente do Conselho Nacional de Educação, Clélia Brandão orienta que

O conteúdo ensinado para crianças de seis anos deve abarcar características tanto do ensino infantil, caracterizado pelo lúdico e pela brincadeira, quanto do ensino fundamental, caracterizado pelo ensino da ciência.(...) “a alfabetização, tratando-se de um processo, não deve abandonar as atividades do ensino infantil de uma hora para a outra. (AFONSO, 2009, p. 9).

É fundamental que o professor alfabetizador entenda que os alunos do processo de transição entre educação infantil e ensino fundamental, não deixaram de serem crianças e que as atividades lúdicas que antes eram praticadas não podem ser desconsideradas automaticamente da vida do aluno egresso da educação infantil.

As discussões tecidas neste tópico trazem orientações de como o professor poderá trabalhar a sistematização da escrita e suas regras, sem perder o caráter lúdico e sem deixar de levar em conta o contexto histórico da turma.

3.4.3 Leitura

As orientações relativas às sugestões de trabalho com leitura, tal qual as orientações anteriores, foram analisadas conforme o eixo **Leitura** do Caderno 2, do Ceale. A abordagem dada a este eixo abrange desde as capacidades necessárias ao processo de alfabetização até aquelas que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas, ou seja, as que contribuem para o seu letramento. De acordo com As Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização (2004, p. 42)

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato da leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Assim o sujeito demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, quando localiza pontos de acesso público e privado aos textos impressos (bibliotecas), quando identifica pontos de compra de livros (livrarias, bancas, etc.).

A seguir, reproduzimos o quadro 3 que mostra detalhadamente as capacidades a serem atingidas ao longo do Ciclo Inicial de Alfabetização, bem como, as orientações de intensidade de trabalho em cada fase.

Quadro 3			
Leitura: capacidades, conhecimentos e atitudes			
Capacidades, conhecimentos e atitudes	1º ano	2º ano	3º ano
Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura	I/T/C	T/C	T/C
Desenvolver capacidades de decifração	I	T/C	T/C
(i) saber decodificar palavras	I	T/C	T/C
(ii) saber ler reconhecendo globalmente as palavras	I	T/C	T/C
Desenvolver fluência em leitura	I	T	T/C
Compreender textos	I/T/C	T/C	T/C
(i) identificar finalidades e funções da leitura, em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto	I/T/C	T/C	T/C
(ii) antecipar conteúdos de textos a serem lidos em função de seu suporte, seu gênero e sua contextualização	I/T/C	T/C	T/C
(iii) levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido	I/T/C	T/C	T/C
(iv) buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão	I/T/C	T/C	T/C
(v) construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas	I/T/C	T/C	T/C
(vi) avaliar ética e afetivamente o texto, fazer extrapolações.	I/T/C	T/C	T/C

Figura 7 – Quadro 4

Fonte: BATISTA, 2004

Segundo Samuel Ferreira e Silvia Araujo (2006, p. 8), a escola tem perdido muito tempo, principalmente nas séries iniciais, com conteúdos que podem ser trabalhados em séries posteriores, tais como, conceitos de substantivos ao invés de trabalharem o desenvolvimento da fluência da leitura, por exemplo, capacidade essencial ao processo de alfabetização. É o que confirma a pesquisadora do Ceale, Ceris Ribas em entrevista ao jornal Letra A:

Não basta dominar o princípio alfabético e as principais relações entre letras e sons. É preciso também ser capaz de compreender o que se lê, e a fluência, o domínio do vocabulário e de estruturas da língua escrita são essenciais para a compreensão e integram o processo de alfabetização.

A jornalista Lygia Santos (2007, p. 8) na reportagem sobre como o acesso a biblioteca escolar pode acarretar em um bom desempenho na formação de leitores, bem como a falta da mesma pode resultar na má formação dos alunos, lembra que, segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), alunos da quarta série do ensino fundamental que frequentam a biblioteca apresentam melhores notas e melhor desempenho.

Sobre a prática da leitura Flávia Moraes (2008), aborda a questão da interdisciplinaridade. A jornalista acredita que é preciso romper com o paradigma de que somente o professor de língua portuguesa tem o dever de trabalhar a prática de leitura de gêneros textuais. Ela relembra que os gêneros textuais não se limitam apenas à escrita, pois há vários outros tais, como: mapas, fotografias, expressão corporal. Ângela Kleiman, professora da Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) em entrevista ao Jornal Letra A diz: “todos os educadores devem ser considerados professores de leitura, já que são responsáveis por mostrar às crianças as diversas práticas textuais”. E continua,

Se todos os professores derem a devida importância a esses objetos, em vez de valorizarem somente as especificidades de cada área, os alunos seguirão o exemplo e maiores serão suas chances de se alfabetizar e letrar com sucesso. (MORAES, 2008, p.10).

Juliana Afonso e Sulamara Moreira discorrem sobre a trajetória do livro didático, bem como, sua história seus avanços. Alguns pesquisadores se posicionam contra o livro didático, pois acreditam em um trabalho mais eficaz quando se recorre a livros de literatura, com maiores chances de se aproximar da realidade do aluno. A professora de história da Universidade de São Paulo (USP), Circe Bittencourt, ressalta a importância do uso do livro para a formação de leitores principalmente em contextos sociais sem hábito de leitura. “Muitas vezes a sala de aula é o único lugar onde o aluno tem contato com esse objeto cultural tão significativo”. (AFONSO; MOREIRA, 2009, p. 9).

Neste tópico foram analisadas algumas orientações de como trabalhar as capacidades específicas ao domínio da leitura com os alunos. E algumas delas enfatizaram a importância de se dar ênfase na aquisição da competência leitora e deixar a complexidade das regras ortográficas para as séries posteriores e a importância de ser um trabalho multidisciplinar.

3.4.4 Produção Escrita

As orientações inerentes ao eixo, **Produção Escrita** têm como objetivo sugerir propostas de trabalho que visam desenvolver nos alunos as capacidades necessárias ao domínio da escrita, que acontece desde as primeiras formas de registro alfabético e ortográfico até a produção autônoma de textos. Segundo o documento Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização Caderno 2 Alfabetizando (BATISTA,2004, p. 56):

Tornar-se um usuário da escrita eficiente e independentemente implica saber planejar, escrever, revisar (reler cuidadosamente), avaliar (julgar se está bom ou não) e reelaborar (alterar, reescrever) os próprios textos. Isso envolve bem mais que conhecimentos e procedimentos, mais do que saber fazer, porque requer a atitude reflexiva e metacognitiva de voltar-se para os próprios conhecimentos e habilidades para avaliá-los e reformulá-los.

A seguir o quadro 4 apresenta as capacidades a serem atingidas ao longo do ciclo inicial de alfabetização, no eixo produção escrita.

Quadro 4			
Produção: capacidades, conhecimentos e atitudes			
CAPACIDADES, CONHECIMENTOS E ATITUDES	1º ano	2º ano	3º ano
Compreender e valorizar o uso da escrita com diferentes funções, em diferentes gêneros	I/T/C	T/C	T/C
Produzir textos escritos de gêneros diversos, adequados aos objetivos, ao destinatário e ao contexto de circulação:	I	T/C	T/C
(i) Dispor, ordenar e organizar o próprio texto de acordo com as convenções gráficas apropriadas	I	T/C	T/C
(ii) Escrever segundo o princípio alfabético e as regras ortográficas	I/T/C	T/C	T/C
(iii) Planejar a escrita do texto considerando o tema central e seus desdobramentos	I/T/C	T/C	T/C
(iv) Organizar os próprios textos segundo os padrões de composição usuais na sociedade	I/T/C	T/C	T/C
(v) Usar a variedade lingüística apropriada à situação de produção e de circulação, fazendo escolhas adequadas quanto ao vocabulário e à gramática	I/T/C	T/C	T/C
(vi) Usar recursos expressivos (estilísticos e literários) adequados ao gênero e aos objetivos do texto	I/T/C	T/C	T/C
(vii) Revisar e reelaborar a própria escrita, segundo critérios adequados aos objetivos, ao destinatário e ao contexto de circulação previstos	I	T	T/C

Figura 8 – Quadro 5
Fonte: BATISTA, 2004

As sugestões de trabalho para promover a Produção Escrita, foram as que mais predominaram na coleta de dados, perfazendo um total de 17 das 50 coletadas. Na 10ª. Edição do Jornal Letra A, a matéria produzida por Daniela Mercier “Escrever para se aproximar do outro”, aborda a importância de trabalhar o texto na sala de aula. Foi possível encontrar várias orientações acerca da produção escrita, no sentido de que as atividades de produção de texto sejam significativas para os alunos. Entre elas podemos citar as proferidas por Geraldi:

(...) para que a produção de texto aconteça, é fundamental que o locutor: tenha o que dizer; tenha motivos para dizê-lo, tenha a quem dizer (interlocutor), se constitua como sujeito que diz o que tem a dizer a quem deve ser dito; e escolha as estratégias para executar essa ação. (GERALDI apud MERCIER, 2007, p. 6).

Na mesma direção estão as orientações dadas por Soares, em entrevista (2007, p. 6 apud MERCIER, 2007, p. 6):

O ideal é propor uma situação em que a escrita seja necessária e única alternativa possível de comunicação. Não adianta a professora pedir que o aluno escreva um texto sobre suas férias. O aluno pode falar: você quer saber mesmo? Eu posso falar para você [...] Cabe ao professor, portanto, criar ou mesmo simular essas situações. Pode, por exemplo, começar uma roda de conversa com a turma sobre as férias. Como nem todos vão ter tempo para falar, o professor pode sugerir que isso seja escrito e distribuído na sala.

Juliano Ferreira destaca a importância de propor situações de produção escrita envolvendo diferentes gêneros textuais e partindo do princípio que o ser humano os utiliza no seu cotidiano para se comunicar e se expressar. Entende-se por gêneros mais comuns as cartas, bilhetes, receitas e por gêneros mais avançados os e-mails e blogs. Ferreira (2010, p.11) contribui dizendo:

Há várias maneiras de se trabalhar com diferentes gêneros tipos de gêneros em sala de aula. Quando se foca gênero literário, por exemplo, podem ser utilizados, contos fábulas e anedotas, que serão aproveitados de forma didática com crianças. Os alunos podem ler e ouvir as histórias e a partir daí criar, encenar pequenas peças em classe. Com isso vão aprendendo a lidar com os gêneros textuais em uma situação efetiva de uso, partindo de suas próprias experiências.

Outra atividade interessante é adotar um contexto social no trabalho com gêneros. O uso de cartas é um exemplo. Os alunos podem levar para a escola cartas que encontrarem em suas casas, e nesta situação pode-se explorar tanto a produção escrita de cartas pessoais, como comerciais.

Regina Barbosa faz algumas considerações acerca da produção de texto com alunos que já passaram da fase de alfabetização. Para tanto, recorre às reflexões de Roxane Rojo, que dizem que após a alfabetização é necessário explorar de forma mais profunda alguns gêneros textuais. Em entrevista a Barbosa, Rojo afirmou que:

“Há uma série de irregularidades no sistema de escrita que continuamos construindo por toda a vida, cada vez que encontramos uma palavra nova. Após o primeiro ciclo, diminuído o foco na alfabetização, reduz-se a quantidade de coisas que o menino tem que aprender nessa fase e, portanto, é possível sofisticar os textos, os gêneros, os tipos de práticas letradas (jornalística, literária etc) para que ele possa ter acesso.” (ROJO apud BARBOSA, 2007, p. 6.)

As orientações de trabalho com a produção escrita apontam para uma prática que valorize o que o aluno tem a dizer, por meio da produção de gêneros textuais. É necessário neste momento focar o trabalho no ensino dos mais diferentes gêneros textuais e desenvolver um trabalho gradativo, do mais simples para o mais sofisticado.

3.4.5 Desenvolvimento da Oralidade

O quinto e último eixo a ser explorado, o **Desenvolvimento da Oralidade**, contempla um ponto que há pouco tempo passou a integrar o currículo oficial da escola: o desenvolvimento da linguagem oral dos alunos. De acordo com o Caderno 2 Alfabetização (2004, p. 59), é na escola que ocorre a aprendizagem do planejamento da fala em situações formais,

Há situações sociais em que, mais do que cuidar deliberadamente da linguagem falada enquanto se desenrola a interlocução, é preciso se preparar para falar adequadamente. São situações públicas e formais, em que muitas vezes é necessário ter controle sobre o tempo de fala, fazendo exposições concisas e bem organizadas. As capacidades necessárias para se ter sucesso nessas circunstâncias

também podem ser desenvolvidas na escola, a partir de propostas lúdicas, interessantes e envolventes

Entre todas as matérias analisadas e selecionadas, apenas a 21ª. Edição abordou a questão da oralidade na escola. Juliano Ferreira, autor da matéria, aponta que a oralidade também é um dos principais instrumentos de comunicação e, no entanto, é quase esquecida quando se fala em gêneros textuais. Segundo a educadora Lúcia Fernanda Barros, que trabalha com formação de professores nos projetos do Ceale, em entrevista ao Letra A, diz: “os gêneros escritos têm maior influência no trabalho em sala de aula, se comparado aos orais”. Para ela, “um dos principais problemas para a expansão do ensino de gêneros orais em sala de aula está na dificuldade que os próprios professores têm em compreender a oralidade”.

O quadro 5 descreve as capacidades a serem desenvolvidas por este eixo:

Quadro 5			
Desenvolvimento da Oralidade: capacidades, conhecimentos e atitudes			
CAPACIDADES, CONHECIMENTOS E ATITUDES	1º ano	2º ano	3º ano
Participar das interações cotidianas em sala de aula:	I/T/C	T/C	T/C
escutando com atenção e compreensão	I/T/C	T/C	T/C
respondendo às questões propostas pelo(a) professor(a)	I/T/C	T/C	T/C
expondo opiniões nos debates com os colegas e com o(a) professor(a)	I/T/C	T/C	T/C
Respeitar a diversidade das formas de expressão oral manifestas por colegas, professores e funcionários da escola, bem como por pessoas da comunidade extra-escolar	I/T/C	T/C	T/C
Usar a língua falada em diferentes situações escolares, buscando empregar a variedade linguística adequada	I	T	T/C
Planejar a fala em situações formais	I	T	T/C
Realizar com pertinência tarefas cujo desenvolvimento dependa de escuta atenta e compreensão	I	T	T/C

Figura 9 – Quadro 6
Fonte: BATISTA, 2004

Entre as orientações abordadas na matéria, destacamos a sugestão de trabalho feita por Fiad, que considera que:

(...) o primeiro desafio na inserção do ensino da oralidade passa pela escolha de quais gêneros deverão ser ensinados em sala de aula. Coisas como bate papo, conversas informais, que os alunos já usam diariamente em suas vidas, não precisa ensinar. Já uma entrevista, por exemplo, é algo que você tem que preparar com antecedência. Então esse é um gênero a ser ensinado. A especialista explica o que determina a diferença entre os gêneros orais são os interlocutores. (FIAD apud FERREIRA, 2010, p. 10).

Dessas orientações conclui-se que o desenvolvimento da oralidade acontece todos os dias, na escola, em casa ou em qualquer outro lugar. Contudo a oralidade a ser apreendida na escola é aquela que vai permitir ao aluno planejar sua fala, seja em uma ocasião de avaliação, como nos seminários ou em outra situação mais formal, como uma entrevista para trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No limite do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), buscou-se tecer algumas considerações acerca dos conceitos relevantes aos processos de alfabetização e letramento e analisar algumas orientações teórico-metodológicas publicadas apenas na coluna “Em Destaque” do Jornal Letra A, no período de 2005 a 2010. Para tanto foi necessário em um primeiro momento revisar os conceitos sobre alfabetização e letramento abordados por alguns pesquisadores da área tais como Maria do Rosário Longo Mortatti, Magda Soares e Ângela Kleiman.

Vale ressaltar neste momento a riqueza da fonte escolhida e que há outras sessões que trazem muitas orientações acerca da alfabetização e letramento as quais vale debruçar-se em futuros estudos. A sessão “Entrevista”, por exemplo, nela são entrevistados vários profissionais envolvidos com a educação entre eles: Magda Soares, Wanderley Geraldi, Jean Hébrard (Professor e Inspetor Geral de Educação Nacional da França), Anne-Marie Chartier (Pesquisadora Francesa), Marisa Lajolo e o escritor de literatura infantil Bartolomeu Queiroz, que com certeza tem muito a contribuir à pesquisa.

As informações contidas tanto nestas sessões como nas demais tem muito a contribuir para o desenvolvimento da educação no país. Para tanto, é necessário se fazer conhecer este valioso instrumento de formação continuada em todo território nacional, principalmente os professores do ensino fundamental, educação infantil e EJA, a fim de atualizar seus conhecimentos e compartilhar as experiências de sua prática cotidiana.

Assim considero que esta pesquisa contribuiu para a ampliação dos conhecimentos teóricos absorvidos na graduação. Conhecer as experiências de profissionais da educação de diversos lugares do país me fez entender que sempre há um algo a mais para fazer em relação à alfabetização e letramento.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Juliana. Aos cinco, aos seis ou aos sete. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 5, n. 18, mai./jun. 2009.

BARBOSA, Regina. O que fazer após a alfabetização. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 3, n. 12, p. 6-9, out./nov. 2007.

BATISTA, Antonio Gomes et al. **Caderno 2 Alfabetizando** - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2004. (Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização).

_____. **Pró-Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e amp. 7. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FERREIRA, Juliano. Um universo de gêneros textuais. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 6, n. 21, p. 8-11, mar./abr. 2010.

FERREIRA, Samuel; ARAÚJO, Sílvia Amélia. Mais tempo para aprender. **Jornal Letra A**, Belo Horizonte, ano 2, n. 6, p. 5-8, abr./mai. 2006.

KLEIMAN, Ângela B.(Org.). Os **significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

LANA, Cecília. Ceale: um pouco de sua história. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, Edição Especial, ano 6, p. 6-8, 2010.

LISBOA, Foca. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 2011. 1 fotografia, color., 15 cm x 21 cm. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/004102.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2011.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MERCIER, Daniela. Escrever para se aproximar do outro. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 3, n. 10, p. 6-9, mai./jun. 2007.

MORAES, Flávia. Compromisso de toda a escola. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 4, n. 16, p. 7-10, out./nov. 2008.

_____. Primeiros Passos. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 4, n. 14, p. 8-11, mai./jun. 2008.

MOREIRA, Sulamara; AFONSO, Juliana. Avaliação, compra, distribuição e uso: a trajetória do livro didático até a sala de aula. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 5, n. 19, p. 8-10, ago./set. 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, n. 44, mai./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n44/v15n44a09.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.

_____. **Educação e Letramento**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. In: Seminário "Alfabetização e letramento em debate". Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. abr., 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

PAIVA, Aparecida. Alfabetização e linguagem em rede: a formação continuada de professores. **Revista do Centro de Educação**, n. 32, 2007. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/01/a4.htm>>. Acesso em: 12 out. 2011.

SANTOS, Fernanda; MAGALHÃES, Naiara. Todo professor pode ensinar, toda criança pode aprender a língua escrita. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 1, n. 2, p. 6-9, jun./jul. 2005.

SANTOS, Lygia. Espaço de aprendizagem permanente. **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, ano 3, n. 11, p. 6-9, ago./set. 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 12 set. 2011.